

## OS POSSÍVEIS EFEITOS DA EQUOTERAPIA COMO AUXÍLIO NA REABILITAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

THE POSSIBLE EFFECTS OF RIDING THERAPY AS A HELP IN THE PSYCHOLOGICAL REHABILITATION OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER (ASD)

Ana Ester Telles<sup>1</sup>

Camila Medina Nogueira Moço<sup>2</sup>

**RESUMO:** Considerando a precariedade de pesquisas acadêmicas a respeito dos possíveis efeitos da equoterapia no desenvolvimento de crianças com indicativos de algum transtorno psicológico, viabilizou a elaboração de um projeto de pesquisa no tema. Objetiva-se investigar a influência da equoterapia no desenvolvimento psicológico, psicomotor e social de crianças diagnosticadas com autismo, identificar os efeitos da equoterapia nessa população e verificar influências no desenvolvimento do infante em tratamento equoterápico. Para tanto, procede-se à observação do tratamento de forma holística, o que inclui análise de campo, análise da interação entre equipe e praticante, praticante e animal, equipe e animal, análise do desenvolvimento do praticante, análise das técnicas utilizadas. Parte-se da hipótese de que a equoterapia é um tratamento de reabilitação e reeducação mental e motora, realizada através da prática de atividades equestres. Sendo assim, são trabalhadas áreas importantes para a psicologia, como a autoconfiança e ansiedade. Um profissional da Psicologia inserido no tratamento equoterápico prepara a equipe para receber o paciente e suas expectativas, medos e inseguranças. Do mesmo modo, trabalha o praticante para que ele esteja preparado para dar início ao tratamento sem que haja resistência, trabalhando a relação de confiança com o animal e com a equipe.

960

**Palavras-chave:** Equoterapia. Psicologia. Desenvolvimento biopsicossocial.

**ABSTRACT:** Considering the precariousness of academic research regarding the possible effects of hippotherapy on the development of children with signs of some psychological disorder, it made possible the elaboration of a research project on the subject. The objective is to investigate the influence of hippotherapy on the psychomotor and social development of psychological children diagnosed with autism, to identify the effects of hippotherapy in this population and to control the influences on the development of the infant in treatment with hippotherapy. For that, the treatment is observed holistically, which includes field analysis, analysis of the interaction between team and practitioner, practitioner and animal, team and animal, analysis of the development of the practitioner, analysis of the techniques used. It starts from the hypothesis that a rehabilitation treatment and mental and motor reeducation, carried out through the practice of equestrian activities. Therefore, important areas for psychology are worked on, such as self-confidence and anxiety. A Psychology professional inserted in the equotherapy treatment prepares the team to receive and their expectations, fears, and patient. Likewise, the work is practical so that he is prepared to start the treatment without resistance, working in a relationship of trust with the animal and the team.

**Keywords:** Hippotherapy. Psychology. Biopsychosocial developmen.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia no Centro Universitário Redentor – Itaperuna, RJ anaester557@gmail.com.

<sup>2</sup> Psicóloga especialista em Terapia Cognitivo – Comportamental, docente do curso de Psicologia no Centro Universitário Redentor – Itaperuna, RJ, E-mail: camilamedinapsi@outlook.com.

## INTRODUÇÃO

Os conhecimentos acumulados sobre tratamento terapêutico e remissão de sintomas constituem hoje, provavelmente, um dos domínios mais vigorosos da psicologia, tratando-se de diagnóstico e plano de tratamento. Tem-se, não só uma ideia relativa precisa que supõe o tratamento fora da clínica, como também do processo que permite chegar a tratamentos mais diversificados. Existem vários métodos terapêuticos para se trabalhar com portadores de transtornos e deficiência. Dentre estes, vem crescendo um consideravelmente e sendo bastante popularizado pela mídia: a Equoterapia. No âmbito da Psicologia e da reabilitação, é perceptível na relação entre “pessoa-animal”, uma troca que gera ganhos psíquicos e físicos. Sendo assim, a equitação não é considerada simplesmente um esporte ou lazer, pois é possível usufruir muito mais do que um simples exercício físico pode oferecer. Tem-se, não só uma ideia relativa precisa, que supõe o tratamento fora da clínica, como também do processo que permite chegar a tratamentos mais diversificados. A precariedade de pesquisas acadêmicas a respeito do efeito da equoterapia no desenvolvimento de crianças com indicativos de algum transtorno, viabilizou a elaboração de um projeto de pesquisa no tema. Sabendo disso, cabe investigar os possíveis efeitos da equoterapia no desenvolvimento de crianças, especialmente as com indicativos de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Visto que a visão clínica como intervenção do tratamento é predominante, é importante para a área da Psicologia pensar fora do contexto clínico. A pesquisa promove a difusão do tema, estabelecendo os critérios básicos para a seleção de amostras. Sendo um trabalho de pesquisa a tratar de um assunto pouco explorado, acredita-se que possa incentivar futuros alunos a explorar ainda mais o tema. Tem por objetivo Investigar a influência da equoterapia no desenvolvimento de crianças diagnosticadas com autismo, investigar a influência da equoterapia no desenvolvimento de crianças diagnosticadas com autismo, identificar os efeitos da equoterapia em crianças do espectro autista, verificar influências no desenvolvimento biopsicossocial da criança em tratamento equoterápico, compreender as fases do desenvolvimento infantil e versar sobre as principais concepções do Transtorno do Espectro Autista.

Sabe-se que a equoterapia é um tratamento de reabilitação e reeducação mental e motora, realizada através da prática de atividades equestres. Sendo assim, são trabalhadas áreas importantes para a psicologia, como a autoconfiança e a ansiedade. Um profissional da Psicologia inserido no tratamento equoterápico prepara a equipe para receber o paciente e suas expectativas,

medos e inseguranças. Do mesmo modo, trabalha o praticante para que ele esteja preparado para dar início ao tratamento sem que haja resistência, trabalhando a relação de confiança com o animal e com a equipe.

## METODOLOGIA

A pesquisa propõe observação do tratamento equoterápico, o que inclui análise de campo e da interação entre equipe e praticante, praticante e animal, equipe e animal, análise do desenvolvimento do praticante e análise das técnicas utilizadas. Visto ser uma pesquisa científica, básica e explicativa, serão utilizados estudos acerca da temática abordada, como artigos, livros e estudos de caso, a fim de que haja uma colaboração para a estruturação do conhecimento. Após estudo, será feita a continuação de uma pesquisa descritiva, posto que é necessário identificar os fatores que determinam o fenômeno de forma descrita e detalhada. Dessa forma, visa-se identificar os fatores que determinam o fenômeno e explicar os indicativos do desenvolvimento, bem como sua ocorrência e reforçar as demandas oriundas da Psicologia

## DESENVOLVIMENTO

No que tange o tratamento terapêutico e a remissão de sintomas, acumula-se de mais vigoroso o domínio da Psicologia e suas diferentes abordagens e atuações. Tem-se não só uma ideia relativa precisa que supõe o tratamento fora da clínica, como também do processo que permite chegar a tratamentos mais diversificados. Existem vários métodos terapêuticos para se trabalhar com portadores de transtornos e deficiência. Dentre estes, vem crescendo um consideravelmente e sendo bastante popularizado pela mídia: a Equoterapia. Por proporcionar acentuado progresso e benefícios na recuperação desses pacientes que, segundo a ANDEBRASIL (1989), denomina-se de praticantes, tornou-se uma alternativa eficiente para o tratamento terapêutico, que diversifica as estruturas convencionais dos clássicos e universais consultórios e clínicas.

Nesse tratamento tão intenso que é a Equoterapia, entende-se o ser humano inserido numa visão global do desenvolvimento, por isso é de fundamental importância a atuação de uma equipe interdisciplinar integrada, formada por psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, pedagogo, médico, terapeuta ocupacional, educador físico e instrutor de equitação. Em virtude deste fato, cada profissional tem um papel decisivo no tratamento do praticante. Tendo em vista

que o psicólogo desempenha um papel importante, ele conduz o desenvolvimento biopsicossocial tanto do praticante como também da família. Cabe a ele desenvolver um trabalho interdisciplinar com os demais profissionais, orientando sobre as questões psíquicas específicas para o desenvolvimento do praticante, possibilitando à equipe elaborar formas de tratamentos cabíveis a cada necessidade individual (GALVÃO, 2007).

É importante que a prática psicológica na Equoterapia seja verificada respeitando as diferenças no modo como cada profissional da Psicologia atua e exerce sua função, visto que existem diferentes abordagens psicológicas que guiam o tratamento. Ressalta-se, então, a importância da conduta dos profissionais desta área, uma vez que o indivíduo é trabalhado de forma holística (SAMI-ALI, 1993, p. 77), conhecendo sempre os aspectos emocionais envolvidos no trabalho dos praticantes com deficiência e/ou transtornos que incidem diretamente em seu desenvolvimento global.

O termo Equoterapia é utilizado ao referir-se às atividades que utilizam o cavalo para fins terapêuticos. Esse conceito foi adotado pela ANDE-BRASIL (1989). A Equoterapia é um tratamento de reabilitação e reeducação mental e motora, através da prática de atividades equestres e técnicas de equitação. Esse método terapêutico é um tratamento que assegura o desenvolvimento dos aspectos motores, tal como a coordenação motora, a postura, a flexibilidade, o ritmo, o equilíbrio, aumentando o tônus muscular, além de desenvolver os aspectos emocionais e psicopedagógicos de forma descontraída, lúdica, em contato com a natureza, o que difere da prática em ambientes como as clínicas e consultórios. A partir do momento em que o praticante desenvolve atividades psicomotoras, cognitivas e afetivas, o cavalo pode favorecer a reintegração do praticante à sociedade, com maior independência e confiança.

Como em outros métodos e avaliações psicológicas, o praticante passa pelo processo de estabelecimento do *rapport*, onde acontece a aproximação com o terapeuta e com o animal (Figura 1), sendo importante no processo do estabelecimento da aliança terapêutica, além da adaptação às atividades equestres e ao tratamento. Além disso, o psicólogo se encontra frente à uma importante participação no tratamento: a família.

A prática da Equoterapia, do ponto de vista da Psicologia, é importante por desencadear vários comportamentos e sentimentos com os quais o psicoterapeuta irá trabalhar utilizando o

cavalo como agente facilitador, além de ser indicada para casos em que se objetiva a busca por benefícios biopsicossociais.

**Figura 1** – Estabelecendo a confiança.



**Fonte:** <https://blog.casadoprodutor.com.br/wp-content/uploads/2018/06/equoterapia-1180x716.jpg>

## 1. O AUTISMO

Em 1942, Kanner descreveu sob o nome "distúrbios autísticos do contacto afetivo" um quadro descrito por autismo extremo, obsessividade, estereotipias e ecolalia. Esse composto de sinais foi por ele observado como uma doença específica relacionada a fenômenos da linha esquizofrênica.

Foram necessárias diversas décadas para que se tornasse evidente que o autismo era um transtorno com forte base cerebral. Teve-se evolução na década de 1980, quando examinaram os cariótipos, para a possibilidade de sequenciamento genético. Vários achados essenciais emergiram durante a última década (RUTTER, 2014).

O Transtorno do Espectro Autista, também chamado de TEA, tem ganhado bastante visibilidade nos últimos anos em decorrência de campanhas de conscientização e da ampla divulgação por parte dos veículos de informações. Porém, cabe salientar que os cientistas têm buscado encontrar evidências que possibilitam novidades quanto ao uso de medicamentos, terapias e outros aspectos encarregados de oferecer qualidade de vida aos pacientes.

O autismo pode ser caracterizado como transtorno do neurodesenvolvimento, cujas características podem ser observadas ainda na primeira infância por meio da consulta a um profissional e, conseqüentemente, do diagnóstico precoce. Importante frizar que o autismo é uma condição que atualmente é vista também como uma síndrome comportamental de nível complexo. Além do mais, o autismo combina fatores genéticos e ambientais (GILLBERG, 1990; RUTTER, 1996).

De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), as primeiras manifestações do autismo podem ser notadas antes dos 36 meses de vida da criança. Os aspectos sintomáticos do autismo devem ser notados de maneira cautelosa, e sempre com o respaldo médico. Problemas na interação, na comunicação e no comportamento são sempre analisados. Entretanto, é importante ressaltar que esses três aspectos devem ser detalhados diante da série de fatores que estão relacionados:

1) Interação social comprometida: relacionamento com pessoas do mesmo contexto familiar ou etário aquém do esperado, falta de reciprocidade emocional, pouco uso de meios não verbais para comunicação, etc.

2) Comunicação deficitária: ausência de linguagem verbal (falada), pouca habilidade para manter uma conversação, fala extremamente rebuscada para idade, ecolalias, pronúncia sem a cadência que as pessoas geralmente utilizam (sem alteração de tom), etc.

3) Comportamentos marcados por estereotípias: interesses não usuais em intensidade ou foco, movimentos motores repetitivos, rotinas invariavelmente rígidas e não funcionais, preocupação com partes de objetos, etc. (PEGORARO, 2013).

A importância do tratamento precoce é enorme. Segundo Zanon (2014), devido à plasticidade cerebral, a precocidade do início da intervenção desempenha papel importante, potencializando os efeitos positivos da mesma. Outro ponto importante é que os ganhos consequentes da intervenção precoce podem ser responsáveis por diminuir consideravelmente os gastos da família nas intervenções voltadas para as crianças com autismo. A Equoterapia tem sido estudada como uma prática que pode ajudar no desenvolvimento da criança com o diagnóstico de TEA. Entre seus benefícios e ganhos, está a socialização e integração emocional e educacional de quem está inserido no espectro (ANDE-BRASIL, 2012). É preciso salientar que, mesmo não sendo considerada uma prática baseada em evidências científicas, a Equoterapia

para o autismo tem sido indicada por muitos especialistas a fim de promoção do aprendizado e auxílio em áreas de dificuldade.

### 1.1 Desenvolvimento psicomotor

O indivíduo passa por um processo de desenvolvimento psicomotor de acordo com cada fase de desenvolvimento, que lhe proporciona lidar com o meio em que vive, aprender a se relacionar e se situar no mundo. A dificuldade nesse processo pode retardar o desenvolvimento, comprometendo toda parte motora e cognitiva (BUENO, 1998). A psicomotricidade é a junção do corpo com a mente, inseparáveis. O corpo não pode se desvincular do psicológico, todo movimento tem relação com a conduta, não sendo isolado e, os movimentos possibilitam o homem a se relacionar com o mundo (FALCÃO, 2009). É uma ciência que envolve o desenvolvimento integrado de habilidades motoras associado aos aspectos emocionais e cognitivos, com a finalidade de melhorar e lapidar as expressões coordenadas dos movimentos do indivíduo durante uma atividade ou uma tarefa sequencial.

Por significado, a psicomotricidade precisa de intervenções que zelam por uma boa estruturação hierárquica de requisitos funcionais e pela participação holística das funções cerebrais. Nesta acepção, a abordagem psicomotora pode ser um meio de manejo muito interessante em **crianças diagnosticadas com TEA**, uma vez que seu direcionamento vem de encontro às necessidades destas, as quais têm características evidentes de desestruturação motora, sensorial, na capacidade de perceber ambientes sociais, contextuais, na linguagem e correlacionar com a linguagem verbal ou não-verbal.

Segundo o Instituto NeuroSaber (2016), a falta de controle pela criança de seus impulsos, limites sociais, percepção de espaço de acordo com o contexto e com as demandas de terceiros, fazem com que as formas de se expressar pelo corpo fiquem muito prejudicadas e desorganizadas. O controle de seus movimentos depende de noção espacial, sensibilidade, interação com o meio e com o outro, sendo exatamente *a capacidade de integrar estes elementos* que define a eficácia de uma ação organizada e também a expressão de um desejo positivo ou negativo durante a interação com os demais a sua volta. A criança com o diagnóstico de TEA apresenta dificuldades no seu desenvolvimento psicomotor, não reconhece seu próprio corpo, acreditando ser um objeto. Enquanto uma criança sem a síndrome se expressa por meio de movimentos, a criança com TEA não reconhece sua própria imagem, dificultando no desenvolvimento do esquema

corporal e da noção espaço-temporal, comprometendo o equilíbrio estático, lateralidade, noção de reversibilidade, aquisição de autonomia e aprendizagens cognitivas (FERNANDES, 2008).

Ainda de acordo com a mesma autora, caso esse esquema corporal não se solidifique, a criança terá perturbações em seu desenvolvimento, como dificuldades de locomoção, na escrita, tendo um conhecimento pobre do corpo, sem obter controle do mesmo, resultando em uma confusão com as coordenadas de espaço (OLIVEIRA, 2002). Outro aspecto psicomotor é chamado de lateralidade, a capacidade motora de percepção integrada dos dois lados do corpo, direita e esquerda, sendo fundamentais para a relação e orientação do mundo externo. A predominância é ocasionada pelo lado de maior força muscular. Constitui, portanto, em função do hemisfério cerebral, podendo ser destro ou canhoto (BUENO, 1998). O comprometimento do desenvolvimento da lateralidade ocasiona dificuldades para direção gráfica, aprendizado dos conceitos de direita-esquerda, bem como o comprometimento na leitura e escrita. Vale ressaltar que a dominância não deve ser imposta, pois é da natureza de cada indivíduo, ao forçá-la pode-se causar uma desorganização psicomotora acentuada (OLIVEIRA, 2012).

Conforme descrito por Oliveira (2002), temos ainda a estruturação temporal, não podendo ser dissociada da anterior, pois as noções de corpo, espaço e tempo estão ligadas para executar os movimentos, em que um corpo coordena-se dentro de um espaço e de um tempo determinado, por isso é utilizada a terminologia orientação espaço-temporal. Bueno (1998) corrobora também sobre a estruturação espaço-temporal, como a capacidade do indivíduo de se movimentar e se reconhecer no espaço, dando sequência as suas atividades e organizando sua vida. Conforme Oliveira (2002), quando a criança não desenvolve a estruturação espaço-temporal, terá dificuldades com intervalos de tempos, confusão com sílabas, prejudicando na leitura e escrita, não conseguirá organizar o tempo, podendo causar fracasso na matemática e falta de coordenação na realização de movimentos. A **psicomotricidade** possibilita que a criança no espectro possa adquirir o que lhe é mais custoso e deficitário: apropriar-se de seu esquema corporal e sua imagem e da consciência de seu corpo dentro de um contexto ou de um ambiente. Para tal, é necessário que se trabalhe com a criança utilizando de estratégias e recursos que a faça se auto-perceber e se inter-relacionar com os limites do meio em que está inserida. Atividades como pular, rolar, tocar, mudando de posição ou lado (frente/atrás) fazem com que ela adquira, aos poucos, a percepção dos limites entre seu mundo interno e seu externo. Deve-se, a todo



instante, sustentar o contato visual e auxiliá-la a seguir comandos com mudança de tonalidade de voz, com o objetivo de desenvolver a capacidade de agir, com finalidade de iniciar e terminar processos. É habitual estes conhecimentos estarem associados aos métodos de integração sensorial, visto que existem muitas intersecções e estratégias em comum entre ambos.

Abordando o ritmo das atividades tanto intelectuais como físicas, no andar, falar, nos movimentos internos, como respiração e, externos, a criança deve ver seu corpo como instrumento do ritmo. É importante que o sujeito tenha consciência intuitiva de seu ritmo (BUENO, 1998).

## 1.2 Benefícios da Equoterapia

A utilização de animais em terapias traz benefícios psíquicos e físicos, tanto para a pessoa quanto para o animal, não classificando a Equoterapia como apenas um lazer. Analisando ainda a relação dos dois, é possível perceber que o afeto do animal é o mais sincero, pois não existem preconceitos diante das diferenças da criança (FREIRE; POTSCH, 2009). Os benefícios psicológicos, comportamentais e motores frente à prática de Equoterapia são amplamente descritos na literatura (MARTÍN-VALERO et al., 2018; PEPPE et al., 2018; ROMANIUK et al., 2018; MENDONÇA et al., 2019). Desta forma, o contato com o animal pode desencadear respostas orgânicas que diminuem o estado de alerta e apreensão constantes em um indivíduo ansioso (NEPPS et al., 2014). Não somente utilizada como fins de tratamento, a equoterapia pode estar inserida num contexto terapêutico, com o objetivo da diminuição da ansiedade. Além disso, o fato do ambiente onde ocorre a equoterapia ser arborizado e calmo, também pode ser estímulo de melhoria deste domínio (SOUZA, 2018).

O desenvolvimento psicomotor é importante e necessário para todas as crianças, mas, no caso das que possuem transtornos, estas necessitam ainda mais desse desenvolvimento, por dificuldades já interiorizadas por seu diagnóstico, como é o caso do autista. Segundo Gómez e Terán (2014), o autista possui maiores dificuldades na sua maturação, portanto, faz-se necessário um trabalho intensivo com eles, havendo espaço para utilizar do tratamento da Equoterapia para a aquisição desse avanço nas questões psicomotoras, auxiliando em uma maior qualidade de vida para as crianças com TEA.

A Equoterapia traz benefícios para a criança autista, como: desenvolvimento de esquema corporal, devido a interação do corpo com o meio, ajudando na postura e equilíbrio; coordenação

motora, utilizando os músculos maiores ou menores para controlar os movimentos do corpo; estruturação espacial, auxiliando a situar-se no meio que se vive e a estabelecer relações e orientação temporal, constituindo a organização de acordo com a sua rotina, desenvolvendo a percepção do tempo de cada ação. (BUENO, 1998)

Para Duarte (2015), a mediação do cavalo é importante porque seus movimentos estimulam o corpo da criança, exercitando o equilíbrio, postura e a coordenação motora, além de proporcionar uma interação social e diminuição da agressividade e agitação, ajudando ainda na estimulação do raciocínio, linguagem, audição, visão, lateralidade, tato e orientação espaço temporal. De acordo com Freire e Potsch (2009), a criança que interage com o cavalo busca novas formas de comunicação e socialização, demonstrando seus sentimentos com expressões, sons e palavras, aumentando sua capacidade cognitiva.

A Equoterapia é realizada ao ar livre, em um espaço amplo e, necessita de uma equipe interdisciplinar composta por médico, psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo e instrutores de equitação, trabalhando em conjunto para um avanço em todas as áreas afetadas pelo transtorno (SOUZA; SILVA, 2015). Deve haver contato e aceitação do paciente para com os membros da equipe, para desenvolver melhores relações sociais do autista. Além do desenvolvimento afetivo, que é importante para a aprendizagem, as áreas motoras também devem ser desenvolvidas, favorecendo uma melhor percepção do mundo externo, através do ajuste tônico postural utilizando o cavalo (FREIRE; POTSCHE, 2009). Essa equipe fará uma avaliação para cada criança e buscará o método e as atividades correspondentes com seu transtorno e grau de dificuldade encontrado, pois a Equoterapia é utilizada para diversas doenças e transtornos, precisando de um tratamento individualizado de acordo com o diagnóstico e severidade apresentada. Faz-se necessário um conhecimento aprofundado desse transtorno, do paciente e do meio em que está inserido, pois dessa forma é possível pensar em estratégias mais indicadas para cada caso e grau de comprometimento apresentado (SOUZA; SILVA, 2015). A psicomotricidade é parte integral da Equoterapia, desenvolvendo o estímulo corporal durante toda a sessão, pois, mesmo que o indivíduo não execute nenhum movimento, ainda assim estará recebendo os estímulos necessários de movimentos feitos pelo cavalo (SANTOS, 2012).

Compreende-se como indispensável realizar as avaliações para definir os músculos que serão trabalhados durante as sessões, ficando sobre responsabilidade dos profissionais o desenvolvimento das atividades de acordo com as necessidades apresentadas de cada um,

podendo estimular músculos abdominais, laterais, do quadril, da coxa, do tronco e do pescoço (SANTOS, 2012). A Equoterapia se inicia quando a criança entra em contato com o cavalo, aprende a montar, a comandar, não desenvolvendo no começo afeto pelas pessoas, apenas pelo animal, mas ao decorrer do tempo cria vínculos com os instrutores, e conforme desenvolve sua independência cria afeto também pelas pessoas (DUARTE, 2015). A interação com o cavalo desenvolve novas formas de comunicação, socialização, autoconfiança e autoestima (FREIRE; POTSCH, 2009). A alegria trazida com a Equoterapia para as crianças autistas, junto à satisfação de montar no cavalo, que os aceitam como são, fazem com que elas busquem demonstrar seus sentimentos por meio de expressões, de sons ou de palavras, aumentando sua capacidade cognitiva (DUARTE, 2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, o autismo é um transtorno que compromete a criança em sua interação com o meio, comunicação e dificuldade em seu desenvolvimento psicomotor, onde pode-se notar comportamentos repetitivos e estereotípias, sendo possível perceber tais características precocemente, mesmo antes de se obter o diagnóstico. A partir do diagnóstico, é indicado procurar tratamento e, assim, obter ganhos consideráveis. As contribuições trazidas pela Equoterapia para as crianças autistas são diversas, tanto físicas, quanto mentais e sociais, pois o contato com o cavalo estimula os movimentos do corpo e, também, faz com que o indivíduo crie afeição pelo animal, e posteriormente pelas pessoas, ajudando em um desenvolvimento biopsicossocial (DUARTE, 2015).

O papel do psicólogo na Equoterapia é acompanhar os participantes durante as atividades, buscando trabalhar conflitos e traumas existentes, visando recuperar a autoconfiança da criança (DUARTE, 2015). O psicólogo deve ainda auxiliar no vínculo entre a criança e o cavalo, e também com a equipe, apresentando o ambiente, acompanhando os praticantes e familiares orientando-os sobre toda a prática e atividades sugeridas. É ainda de responsabilidade do psicólogo conhecer toda a equipe, trabalhar em conjunto, conhecer os cavalos, os participantes, seus familiares e também dominar as técnicas e atividades que poderão ser utilizadas nesse tratamento (SOUZA; SILVA, 2015). Sendo assim, tem-se não somente os benefícios atuantes no contexto interacional da equipe. A Equoterapia traz consigo os benefícios da atividade terapêutica com o animal atuando diretamente no controle da ansiedade.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, B.; FERREIRA, J.; OLIVEIRA, S.; MARTINS, R.; AGRANEMAM, J.; SILVA, M. F. A influência da Equoterapia sobre o equilíbrio de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa da literatura. Vol. 11 No 2. (2022)

ANACHE, A. O Psicólogo nas redes de Serviço de Educação Especial: Desafios em face da inclusão. 2ª edição. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007;

ANDE-Brasil, Associação Nacional de Equoterapia (<http://equoterapia.org.br> - Acesso em: 25/08/2022);

BRUM, A.; TESSMAN, N.; COSTA, C.; TESSMAN, G.; BUSSETI, W.; SILVA, R.; BRUM, A. Equoterapia como ferramenta para o tratamento de Transtorno do Espectro Autista. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.5, p. 20516-20527 sep./oct. 2021.

APRILE, S.R.G. Equoterapia: nova proposta de reabilitação motora. In: Congresso Brasileiro de Equoterapia, 1999, Brasília-DF. **Anais**. Brasília: Ande Brasil, 1999. p. 221-222.

BANDEIRA, G. Equoterapia para autismo: o que é e principais desafios. 24 de junho de 2022; disponível em < <https://genialcare.com.br/blog/equoterapia-para-autismo/#:~:text=A%20equoterapia%20%E2%80%93%20terapia%20assistida%20com,de%20que m%20est%C3%A1%20no%20espectro> > Acesso em: 17/08/2022.

BUENO, R.; MONTEIRO, M. Prática do psicólogo no contexto interdisciplinar da equoterapia. **Vivências, Santo Ângelo**: Ed. URI, v. 7, n. 13, p. 172-178, out. 2011.

DUARTE, L.; LEAL, J.; HELLWIG, J.; BLANCO, G.; DIAS, L. Revisão Bibliográfica dos benefícios que Equoterapia proporciona a pacientes com Transtorno do Espectro Autista. Vol.2 No. 4 (2019).

FERRARI, J. A prática do psicólogo na Equoterapia. Universidade Presbiteriana Mackenzie; São Paulo, 2003

GALVÃO, S. R. et al. A Equoterapia junto às pessoas com paralisia cerebral: o papel da Psicologia Escolar. IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar, Londrina, 29 a 31 de outubro de 2007;

GILLBERG, C. (1990). Autism and pervasive developmental disorders. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 31, 99-119.

GÓMEZ, A. M. S., TERÁN, N. E. **Transtornos de aprendizagem e autismo**. Cultural, S.A, 2014.

MELLO, B.; GUIMARÃES, J.; RIBEIRO, V.; BRAGA, F.; SALES, R.; SILVA, E.; TRICHES, J.; PAULA, W.; SOARES, A. The importance of equotherapy for Autism Spectrum Disorder: benefits detected from the national scientific literature. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 4, p. e23911427263, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i4.27263. Disponível em:

<<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27263>. Acesso em: 10 oct. 2022.> Acesso em: 19/10/2022

MENDONÇA, T., BIENBOIRE-FROSINI, C.; MENUGE, F.; LECLERCQ, J.; LAFONTLECUELLE, C.; et al. The Impact of Equine-Assisted Therapy on Equine Behavioral and Physiological Responses. *Animals*, v. 9, n. 7, p. 409-421, 2019. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2076-2615/9/7/409/htm>>. Acesso em: 17/10/2022

MESQUITA, W.; PEGORARO, R. Diagnóstico e tratamento do transtorno autístico em publicações brasileiras: revisão de literatura. *J Health Sci Inst.*, Goiânia, v. 31, n. 3, 2013.

NEPPS, P.; STEWART, C.; BRUCKNO, S. Animal-Assisted Activity: Effects of a Complementary Intervention Program on Psychological and Physiological Variables. *Journal of Evidence-Based Complementary & Alternative Medicine*, v. 19, n. 3, p. 211-215, 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24789913>>.doi: 10.1177/2156587214533570 > Acesso em: 15/08/2022

PIMENTEL, C. A Equoterapia e sua importância na construção da imagem corporal de uma criança com autismo – um estudo de caso. São Paulo, 2021.

POTKER, C.; CRUZ, B. As contribuições da Equoterapia para o desenvolvimento psicomotor da criança com Transtorno do Espectro Autista. Vol. 32 N<sup>o</sup> 1 (2017): **Revista de Revisão da Uninga**.

RIBEIRO, F.; PIMENTEL, G.; MORAES, N.; BLOIS, L. Os efeitos da equoterapia em crianças com autismo. *Fisioterapia Brasil*. 2019, Vol. 20 Issue 5, p684-691. 8p.

RIBEIRO, R. H. Equoterapia e Psicologia: um estudo sobre o papel do psicólogo nessa prática. 2007. 55 p. Dissertação (Bacharel em Psicologia) – Universidade Paulista, Manaus, 2007

RUTTER, M., THAPAR, A. Genetics of Autism Spectrum Disorders. Volume 1. Diagnosis, Development, and Brain Mechanisms. Section III. Neurobiology and Medical Issues. **Wiley Online Library**. April, 2014.

RUTTER, M. (1996). Autism research: Prospectus and priorities. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 26, 257-275.

SAMI-ALI, M. Corpo e movimento: esboço de uma teoria psicanalítica da psicomotricidade. In: Sami-ali, M. **Corpo real, corpo imaginário**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SILVA, A.; LIMA, P.; SALLES, R. Vínculo afetivo de crianças autistas na Equoterapia: uma contribuição de Winnicott. *Acad. Paul. Psicol.* Vol.38 no.95 São Paulo jul./dez. 2018

SILVA, J.; AGUIAR, O. Equoterapia em crianças com necessidades especiais. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, Garça: FAEF, v. 6, n. 11, nov. 2008.

SOUZA, M.; SILVA, P. Equoterapia no tratamento do transtorno do espectro autista: a percepção dos técnicos. **Revista Ciência e Conhecimento**, São Jerônimo: ULBRA, v. 9, n. 1, 2015.

ZAMO, R. Equoterapia e psicologia comunitária: a possibilidade de integração social em um centro de equoterapia. Congresso Brasileiro de Equoterapia – 2002

ZANON, R. et al. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 25-33, jan./mar. 2014.